

Reportagem

Não julgar a mulher ou o homem vítimas de violência doméstica

“A violência também se pode travar se a sociedade não penalizar nem julgar as mulheres que se mantêm numa relação abusiva durante uma vida. Admitir que um casamento ou projeto de vida fracassou é brutal para uma pessoa e nem todas têm capacidade para sair, se reerguer e continuar”, alerta Ana Balula



FOTOS DR

Se uma vítima de violência doméstica se mostrar com um X na mão deve ser ajudada e sempre que possível encaminhada para um serviço de apoio

Violência doméstica cresce no distrito de Viseu

Sensibilização O Núcleo de Atendimento a Vítimas de Violência Doméstica do Distrito de Viseu e o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra estão a promover oficinas online sobre temas ligados ao flagelo da violência doméstica. Na de setembro vai falar-se sobre a violência e as crianças

Eduarda Macário

A violência doméstica é um problema de todos. Por isso, profissionais das mais diversas áreas, famílias, vizinhos e até desconhecidos devem denunciar as situações de violência seja sobre mulheres ou homens, seja sobre crianças ou idosos. Mudem-se as mentalidades. Esqueçam-se os velhos dogmas de que entre homem e mulher não se mete a colher. Metam a colher e ajudem a travar um flagelo que cresce diariamente. Não se julguem as vítimas, mas penalizem-se os agressores de forma severa.

A morte de 18 mulheres às mãos dos maridos e ex-maridos, dos companheiros ou ex-

companheiros desde o início do ano em Portugal é a prova de que se trata de uma situação muito preocupante e a exigir a intervenção de todos os serviços. Sejam de saúde, da justiça, ou das forças de segurança.

Em 2008 é criado em Viseu o Núcleo de Atendimento de Vítimas de Violência Doméstica do Distrito de Viseu para dar resposta ao aumento de um flagelo que é transversal a todo o país. E o distrito de Viseu, onde os números também têm vindo a subir com a existência de cada vez mais sinalizações de mulheres vítimas de violência doméstica e de casos cada vez mais complexos de filhos agressores de pais já muito idosos, não é infeliz-

mente, exceção.

Quem o diz é Ana Balula, uma das técnicas do Núcleo de Atendimento a Vítimas de Violência Doméstica do Distrito de Viseu (NAVVDV), responsável pelos concelhos do norte do distrito, que reconhece que “muitas destas situações são demasiado complicadas pois lidam com dependências emocionais”. “Mas a violência também tem a ver, muitas vezes, com a situação económica, que é muito grave atualmente, com as vítimas a ficarem em relações abusivas e muito complicadas durante muito tempo. Ou seja, as vítimas não têm por vezes a facilidade económica necessária para se autonomizarem e abandonarem

a situação abusiva”, sublinhou a técnica ao Diário de Viseu.

E foi com o objetivo de capacitarem técnicos e parceiros que o NAVVDV, em conjunto com o Centro de Estudos Sociais de Coimbra, com a intervenção direta de Rosa Monteiro (antiga secretária de Estado para a Cidadania), prepararam um conjunto de webinários sobre os diversos temas relacionados com a violência doméstica que estão a decorrer até ao final do ano. “São oficinas mensais e direcionadas a profissionais de várias áreas prioritárias de intervenção e contam sempre com especialistas de âmbito nacional e profissionais do nosso território com responsabilidade e inter-

venção nas matérias em questão, como a saúde, saúde mental, justiça, crianças e jovens, agressores, entre outros”, explicou Rosa Monteiro, do CES, ao Diário de Viseu.

Por sua vez, Ana Balula, do NAVVDV, “estas ações visam reforçar a capacitação técnica pois sabemos que é muito importante que os profissionais, que atuam na área da violência doméstica, estejam constantemente em formação e também a aprender e a debater temas muito importantes, como a saúde e a violência doméstica”. Ou seja, saber por exemplo “até que ponto é que o sigilo médico é aqui um escudo muitas vezes utilizado pelos profissionais, mais especifica-

mente, pelos médicos, para não sinalizarem os casos”. Perceber até onde pode ir esse sigilo e até onde deve ir, uma vez que as entidades sabem que há situações de violência doméstica que se arrastam ao longo de anos, que são do conhecimento dos médicos de família e não há denúncias.

Numa outra oficina procurou perceber-se que serviços existem para proteger a vítima, em que foi convidado o procurador Domingos dos Santos, do Tribunal de Viseu, que falou sobre qual é o papel do Ministério Público e do tribunal relativamente aos processos, que medidas é que pode haver, o que pode acontecer. Onde se falou do Gabinete para a Estabilização de Vítimas que o NAVVDV estreou no Tribunal de Viseu e onde é feito todo o acompanhamento prévio das pessoas antes des-

A ação do mês de setembro vai debater, com as comissões de proteção de crianças e jovens, a violência doméstica e as crianças

tas prestarem declarações para memória futura.

“A violência doméstica é um problema de todos, é um flagelo na nossa sociedade e muitas pessoas acabam por ter conhecimento pois as vítimas passam por muitos serviços”, afirmou a técnica coordenadora para os concelhos do norte do distrito. Ou seja, “as vítimas passam pelo NAVVDV, tribunal, forças de segurança, comissões de Proteção de Crianças e Jovens, se houver crianças envolvidas, pelos centros de saúde e hospitais”.

Daí que o tema da próxima oficina de 26 de setembro seja relativo às CPCJ com a intervenção das presidentes da comissão nacional e da comissão de Viseu para abordar a violência doméstica e as crianças. Em outubro, será analisada a intervenção com a pessoa agressora. A iniciativa vai terminar a 22 de novembro com um seminário presencial e assinalará o Dia Internacional de Combate à Violência Doméstica. »

A existência de filhos também condiciona as decisões das vítimas que acabam duplamente penalizadas

A existência de filhos é muitas vezes um entrave à decisão de pôr fim a uma relação abusiva. Primeiro porque são pequenos, depois porque já saíram de casa e já não vale a pena. Mas também há que ter em atenção que os filhos também são vítimas da relação abusiva dos pais e que mais tarde acabam por acusar as vítimas de terem traumas de delas não terem feito nada para pôr um ponto final. E acabam também eles por penalizarem a mãe por essa falta de coragem, o que por vezes explica a existência de muitos idosos nos hospitais que não são visitados pelos filhos.

Mediatismo das mortes dá mais poder ao agressor sobre a vítima

“O mediatismo das notícias e a exploração dos pormenores mais macabros dos homicídios de mulheres durante horas e horas nas televisões contribui para dar força ao agressor sobre a vítima”, afirma Ana Balula, defendendo “uma intervenção dos órgãos de comunicação mais controlada e um papel de sensibilização e alerta”. Quanto quisemos saber porquê, Ana Balula serve-se do seu conhecimento no terreno: “Temos vítimas que nos dizem que quando há notícias de mais uma mulher morta, os maridos ou companheiros lhes dizem que qualquer dia são elas. E esta é mais uma forma de violência sobre as vítimas, aterrorizando-as e deixando-as com mais medo de pedirem ajuda”, alerta.

Até porque maridos, ex-maridos e companheiros que cometem estas atrocidades são pessoas que, segundo Ana Balula, “não sabem lidar com a frustração e com o orgulho de macho ferido que não aceita que a mulher o deixe”. “Depois há também um sentimento de posse. O 25 de abril não foi assim há tanto tempo e nessa altura o marido tinha todo o direito de matar a mulher caso a encontrasse com outra pessoa”, recordou, adiantando que “esta mentalidade foi permanecendo ao longo do tempo com os pais a ensinarem os filhos que agora têm à volta de

50 anos que acham estes comportamentos normais”.

Quanto às gerações mais novas, esta técnica admite, com alguma desilusão, que nas últimas ações realizadas nas escolas, há miúdos do 10.º e 12.º anos a dizerem que a namorada não pode usar uma saia, não pode pintar as unhas de vermelho, nem maquilhar-se como quer”. “Nós herdámos coisas muito pesadas numa educação muito machista que ainda perdura muito nesta sociedade”, reforça, adiantando que “estes jovens vão ser os agressores de amanhã e de depois, e depois”.

Então se a violência passa de geração em geração como a travar? “Começar pelas escolas, o que nós fomos fazendo ao longo dos anos, com ações de sensibilização. Apesar de ser muito difícil mudar mentalidades, não se pode desistir e se calhar aplicar penas mais pesadas, com o tribunal a ter mais força”, responde Ana Balula, adiantando que “se deve capacitar os jovens e dar algum empowerment às mulheres, de aprenderem a não depender de outras pessoas, capacidade para as autonomizar, ajudar na educação dos filhos e a capacitação também a nível psicológico porque temos muitas vítimas que são completamente desprovidas de amor próprio que lhe foi retirado ao longo dos anos”. ◀



A família deve ser um porto de abrigo seguro



A família deve ser um porto de abrigo, o lugar onde a criança se sente segura, amada e respeitada. Mas, infelizmente, isso não acontece num demasiado número de famílias onde a violência doméstica entre os pais ou destes para com os filhos se sobrepõe ao amor e aos cuidados. Refira-se que a exposição das crianças à violência constitui uma forma de vitimização das crianças, com sérias implicações no seu desenvolvimento. Constitui ainda um factor de risco para a replicação de dinâmicas relacionais violentas no futuro. Os pais ou os cuidadores, de uma forma geral, são um modelo, nas atitudes e nos comportamentos, para as crianças. Daí que a violência domé-

tica a que assistem ou de que são vítimas deixe marcas demasiado pesadas e difíceis de ultrapassar. Para termos homens e mulheres preparadas para a vida é fundamental que o desenvolvimento das crianças e jovens aconteça em contextos equilibrados e emocionalmente adequados. Sim, porque o abuso físico é apenas uma das muitas formas de maus tratos às crianças. A negligência, o abuso emocional e o testemunho de situações violentas, que têm vindo a aumentar em todo o país, podem ser muito mais prejudiciais ao seu desenvolvimento, e como são mais subtis, são mais difíceis de detetar ou mesmo de explicar e entender por parte das crianças e jovens. ◀

Equipas capacitadas

NO TERRENO O Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência Doméstica do Distrito de Viseu foi criado em 2008. Inicialmente ficou instalado no antigo Governo Civil de Viseu, mudando-se depois para o edifício do centro distrital da segurança social. Desde 2008 até agora foram sendo criadas várias respostas, nomeadamente em 2013, com a abertura do centro de acolhimento de emergência, para mulheres com filhos vítimas de violência e em 2019, a casa-abrigo para pessoas vítimas de violência doméstica com saúde mental.

O núcleo tem várias técnicas que acompanham o distrito e uma psicóloga para atendimento de crianças. Por isso, qualquer vítima deve dirigir-se ao núcleo e denunciar a situação. Mas também pode dirigir-se ao Ministério Público, no tribunal, a qualquer posto da GNR ou uma esquadra da PSP. E Ana Balula sublinha que “à frente destas entidades estão equipas capacitadas, na PSP é a EPAV e na GNR é o NIAV”.

“No caso da GNR existe uma equipa específica mas há que reconhecer que são poucos os elementos para todo o distrito e acabam por ficar apenas com os casos mais graves”, explicou, reconhecendo que, da sua

experiência, pode afirmar que “no terreno já estão pessoas muito bem preparadas e com sensibilidade, para lidar com estas situações”.

Uma tarefa nada fácil mas que se agrava quando falamos em aldeias ou vilas, em pequenos concelhos como São João da Pesqueira, Tarouca ou Penedono, desertificados e onde as pessoas vivem muito isoladas e a quilómetros de qualquer posto da GNR para pedir ajuda. Terras onde ainda existe a ideia de que entre homem e mulher não se mete a colher e por isso todos sabem mas ninguém denuncia.

“É fundamental que todos tenham um papel ativo que pode começar por ligar para as forças de segurança a pedir ajuda, conversar com a vítima e explicar que há serviços que a podem ajudar e que há mecanismos de proteção das testemunhas”, afirmou, adiantando que “na maioria dos casos toda a família sabe das agressões e escolhem não se envolver”.

Mas há uma outra questão a ter em conta, segundo Ana Balula. Na maioria dos casos nestes pequenos núcleos a violência anda muitas vezes associada a questões das dependências, nomeadamente, o alcoolismo que é um outro problema bastante grave. ◀

